

# Ensino de Arte em escolas públicas e particulares de Porto Alegre: diagnósticos sobre o papel da disciplina na formação cultural jovem

*Art Education in public and private schools in Porto Alegre: diagnosis on the role of discipline in young cultural training*

CELSO VITELLI\*

Artigo completo submetido a 10 de maio de 2016 e aprovado a 21 de maio 2016.

\*Brasil, professor de ensino superior. Doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Mestrado em Educação, Faculdade de Educação, UFRGS. Bacharelado em Artes Plásticas: Desenho, Instituto de Artes (UFRGS, IA). Licenciatura em Educação Artística, UFRGS, IA.

AFILIAÇÃO: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Artes, Departamento de Artes Visuais. Rua Senhor dos Passos, 248. Bairro Centro. CEP: 90020-180, Porto Alegre-RS Brasil. E-mail: celso.vitelli@gmail.com

**Resumo:** Este artigo apresenta um estudo sobre como são abordados os conteúdos da disciplina Ensino de Arte para jovens entre 14 e 18 anos, em sete escolas de Ensino Médio de Porto Alegre. Foram aplicados 240 questionários em escolas públicas e particulares. Entre os resultados da pesquisa, o Ensino de Arte: traz para os jovens conhecimentos sobre cultura (15,82%); não influenciam na sua formação cultural (14,38%); ou: acham as aulas divertidas (8,1%). **Palavras chave:** arte / escola / jovens / cultura / Ensino Médio.

**Abstract:** *This article presents a study about how the contents of an Art Education class are approached, for youths between the ages of 14 and 18 in seven high schools in Porto Alegre. 240 questionnaires were applied in public and private schools. Among the research results, it was found that Art Education: brings youths cultural knowledge (15.82%); does not influence their cultural education (14.38%); or: find the classes fun (8.1%).* **Keywords:** *art / school / youths / culture / high school.*

Neste artigo, produzido a partir da pesquisa: *Juventude e Cultura: de que forma a disciplina de Arte no ensino médio qualifica a formação cultural?* (2013-2015), procuramos trabalhar com os conceitos de estética e cultura existentes no campo das Artes Visuais que circulam dentro das escolas públicas e particulares e vêm construindo diferentes conceitos de cultura no senso comum.

Para trabalhar com tais conceitos e relacioná-los com o Ensino de Arte nas escolas, foram aplicados 240 questionários escritos com adolescentes de 14 a 18 anos, por meio dos quais, procuramos compreender mais sobre as culturas em que vivemos, principalmente no campo da educação em arte e sobre o universo adolescente. Assim, realizamos um diagnóstico em sete escolas de Ensino Médio da Região Metropolitana de Porto Alegre, sobre como são abordados os conteúdos da disciplina Ensino de Arte e o que significa o ensino de tal disciplina para esses jovens. Dos 240 questionários aplicados, 150 foram em escolas públicas e 90 em escolas particulares. Também foram entrevistados/as nove professores/as de Ensino de Arte.

O eixo principal desta discussão se apoia no pensamento baudrillardiano, além de outros autores. Baudrillard (1999) escreve sobre um início que começaria com o nascimento artificial da criança até o entendimento de uma adolescência sem fim. Referindo-se à geração contemporânea, ele afirma que esta

*[...] escapa ao olhar adulto, não se preocupa mais em tornar-se adulta — adolescência sem fim e sem finalidade que se autonomiza sem consideração pelo Outro, por si mesma e volta-se por vezes violentamente contra o Outro, contra o adulto do qual não se sente mais nem descendente nem solidária (Baudrillard, 1999:67).*

Baudrillard ainda nos explica sobre a afinidade da geração jovem com as novas tecnologias do virtual, referindo-se ao privilégio obtido através da instantaneidade. Desta forma, acreditamos que poderiam ser *cenas baudrillardianas diárias*, por exemplo, adolescentes ensinando suas professoras a usarem programas de computador ou discutindo sobre cenas de filmes ou novelas, opinando sobre problemas ou situações que há bem pouco tempo não faziam parte do seu universo. Desse modo, na velocidade e na linguagem da comunicação contemporânea, os adolescentes responderam sobre os mais diversos assuntos do seu [nosso] dia-a-dia ou mais distantes.

### **1. Avaliações dos adolescentes entrevistados sobre arte, seus conceitos e como eles/elas veem o seu ensino na escola**

Dos questionários respondidos pelos adolescentes, destacamos o de Marco (14 anos). Quando perguntado sobre as suas aulas de Artes e sobre como ele

se sentia em relação a esta disciplina, sua resposta foi a seguinte: “Eu achava que era legal [...]. Mas eu acho que tem coisa mais importante do que as artes”. Dentro desta mesma resposta ele foi mais adiante, apresentando um quadro de desinteresse de sua professora de Ensino de Arte na preparação das aulas, demonstrando, desta forma, algo que teria legitimado a sua falta de interesse pelas aulas. Certamente não podemos fixar em Marco uma indignação pela falta de interesse em relação à arte ou à prática do ateliê na escola. Este discurso desenha certo “desprezo” para com o Ensino de arte que já está posto, não é um discurso de Marco. E este discurso se mostra tão “bem” colocado e sustentado no campo escolar, que o próprio aluno se utiliza dele para explicar o porquê da existência de outras disciplinas mais importantes do que o Ensino de Arte. Ele afirma: “[...] eu acho que sempre tem umas disciplinas mais importantes e outras não. Tanto é que, pela carga horária, né, tem mais períodos de tal coisa e outras não”.

A análise das respostas sobre como os estudantes viam a arte nos dias de hoje partem de frases mais recorrentes proferidas por eles, como: “Meio apagada. Desvalorizada infelizmente. A arte é esquecida e não tem seu valor real. As pessoas não se interessam por ela” (são mais de sessenta códigos de respostas). Marc Jimenez afirma que “os professores das disciplinas artísticas sabem muito bem que se beneficiam de um *status* particular, incapaz de rivalizar com o de seus colegas da Matemática, das Letras ou da Lingüística” (1999:9). A consciência deste *status* particular perdura há muito tempo, e pode ser lida em um depoimento da professora Bárbara, entrevistada por Luciana Loponte (1998) em sua dissertação de mestrado:

*[...] Às vezes tu te deparas com tantos problemas, em relação a tua disciplina de artes, que dá vontade assim: ‘Que bom seria...’. Eu já me peguei dizendo isso: ‘Que bom seria se eu desse Matemática, pelo menos ninguém iria me contestar no que eu estou dizendo, no que eu estou falando’ (Loponte, 1998:118).*

Outro exemplo que ilustra bem esta posição é a resposta da adolescente Betina (16 anos), quando ela afirma que existe uma hierarquia entre as disciplinas do colégio. A menina afirma: “Eu não coloco em primeiro, segundo, a importância. O colégio coloca, naturalmente. Os meus professores colocam”.

Perguntamos sobre o “tratamento” que vem sendo dado à disciplina Ensino de Arte. Qual o lugar e o tempo que ocupa a arte na educação? Para alguns adolescentes, a relação com a arte passou a ser vivida como um divertimento, uma recreação. Talvez a relação do olhar que o adolescente esteja dedicando à arte seja muito parecida com a relação que ele estabelece com a *Internet* ou com televisão. Estamos vivendo em um tempo no qual predomina a experiência imediata, a

rapidez, e essa rapidez vem se materializando também na produção visual de crianças e adolescentes. Existe uma gramática nova para a atenção e para a concentração que deve ser pesquisada.

Mais uma vez, questionamos como trabalhar com um tempo em que a relação produção/apreciação da arte “tem que ser rápida”. Trabalhar com a velocidade acelerada em relação à arte, tanto na sua produção como na sua apreciação, vem dissolvendo muitas propostas de ensino na área, fazendo com que elas percam sua consistência como experiência, conhecimento; deixando a desejar tanto a produção destes estudantes, quanto a sua relação de contemplação com as artes em geral. Esta relação de rapidez destinada à produção e a contemplação do adolescente com a arte e sua produção não se construiu somente por parte deles. As escolas vêm reduzindo o tempo destinado aos períodos de Ensino de arte, e isso colaborou para que o entendimento que o adolescente tem sobre a disciplina seja a experiência de um contato rápido, fugidio.

Em relação às visitas aos museus, que poucos adolescentes mencionaram em suas respostas, aqueles que os frequentaram afirmavam ter gostado da visita, das obras em geral; mesmo que muitos não tenham entendido nada sobre o que estava exposto diante deles. As visitas aos museus acontecem, as imagens de arte são vistas através da *Internet*, de vídeos, ao vivo [quadros, esculturas, instalações], mas são contatos de apreciação diferentes de 20 ou 30 anos atrás. A relação existente entre o público e as obras de arte na atualidade mudou. A antiga experiência de estética tradicional, na qual o público jamais poderia encostar um dedo sequer numa obra de arte, permite hoje tocar-las para que tais obras tenham sentido.

Outro ponto a ser considerado neste contato do adolescente com a arte tem a ver com a escassez da produção de materiais de qualidade sobre arte produzida em diferentes linguagens e meios para as escolas como: televisão, revistas, *Internet* dirigido especificamente ao público adolescente. O que temos no mercado seria voltado muito mais para as crianças. É lógico que sobre cultura, no seu conceito mais amplo, circulam algumas reportagens nos encartes de jornais e revistas destinadas ao público de adolescentes, que tentam realizar um papel pedagógico em relação ao conhecimento sobre o campo da arte. Importante salientar que, tanto a informação sobre o campo da arte quanto à informação sobre a cultura em geral (música, teatro, literatura) vem sendo obtida pelos adolescentes principalmente através da *Internet* e de outras mídias.

## **2. Respostas dos adolescentes entrevistados: recortes sobre o cotidiano escolar e o Ensino de Arte**

Um questionamento se dá sobre o espaço de construção que tem sido dado à

sensibilidade no seu termo mais amplo. Ou seja, no que a escola, a mídia, a família, têm ajudado na construção de um ser sensível, apreciador dos diferentes tipos de beleza existente no mundo? E mais, quais são hoje as “belezas” endereçadas, mostradas à apreciação do público jovem?

O que os adolescentes têm nos mostrado através da sua aparência, gestos, falas, dependendo do grupo ao qual eles pertencem, pode ser um desafio aos cânones estéticos construídos e apreciados pelo mundo adulto. Muitas vezes, estes jovens se enfeiam, contradizendo, desta forma, o conceito estético tão arraigado no mundo adulto. Segundo Contardo Calligaris, o adolescente pode tornar-se feio para poder “criticar um sistema que valoriza a deseabilidade dos corpos como razão do reconhecimento social” (Calligaris, 2000:50).

Se existe uma transgressão, uma ruptura de uma estética anteriormente construída por parte do público adulto, então assistimos também a apresentações estéticas de adolescentes, sejam elas tribos *clubbers*, *punks*, *mauricinhos*, *patricinhas*, *lolitas* e tantas outras. Os conceitos que se têm sobre o termo estética construídos na história (em geral), passam obviamente pela construção do pensamento do adolescente em relação ao que apreciar, ao que possa ser belo. Talvez, os conceitos aprendidos sobre estética na escola, na família, nos grupos, se incorporam, se engendram, espelhando o leque de possibilidades de interpretação deste termo.

Vários adolescentes entrevistados relataram, ao visitarem museus ou espaços culturais, muito sobre as arquiteturas, a beleza dos espaços, mas poucos sabiam ou comentavam sobre as obras de arte expostas nos mesmos. Lembrando Canclini, talvez isto possa estar acontecendo por que se os museus procuram seduzir “o público através da renovação arquitetônica e dos artifícios cenográficos” (Canclini, 2000:65).

A rede de atividades apresentadas hoje aos adolescentes pelas revistas, pelos programas de televisão, de rádios, os livros, os *shows*, estariam desempenhando o papel de *prolongadores* da iniciação às artes e à literatura? Por não acreditarmos numa experiência estética que limite a criança, o adolescente ou o adulto somente ao contato direto com as obras de arte que estão em museus ou galerias, pensamos em como tem acontecido a extensão do encontro com a estética no seu sentido mais amplo, hoje. Acreditamos no papel da arte através de seus textos e da exibição de suas obras ao público, como mais uma via necessária no processo de construção dos conceitos de cultura e estética. Para que este processo aconteça é necessário o ver/apreciar/discutir tanto o quadro de um artista plástico, por exemplo, quanto os cenários de um filme como *O mundo imaginário do Dr. Parnassus* (2009), certas propagandas de *outdoors*, os videocliques. Enfim, estas imagens tendem (ao serem analisadas com estudantes) a construir possíveis conceitos no campo da estética.

Em muitas respostas dos jovens adolescentes nos questionários aplicados, aparece certo desencantamento de alguns com as artes visuais, muitas vezes descritas nas palavras dos adolescentes como “chatas”, “desinteressantes”, “difícil de entender”, “muito abstratas”, como “algo que pertence ao passado”. A arte é vista nos dias de hoje, por estudantes e professores, através de uma frase mais recorrente: “é uma forma de se expressar”. A arte, em 57,4% das respostas dos estudantes entrevistados, também é vista como algo de difícil entendimento por eles. Por parte de outros, existe um respeito, uma admiração ainda pela palavra “arte”, mas muito ligada a algo que ficou somente no passado. Já com a música a identificação se dá de uma maneira mais próxima, talvez porque o meio de difusão seja mais acessível. A música certamente é vista, além da facilidade do acesso e da sua difusão, como um aspecto do lazer quase cotidiano. Com uma presença diversificada dos mais variados grupos musicais ou cantores e cantoras, a relação do adolescente com a música talvez tenha uma penetração maior no seu universo devido, também, ao caráter fugidio/efêmero que existe tanto no surgimento e permanência destes grupos/cantores quanto nas temáticas musicais expostas pelos mesmos. Para Fischer (1996:53), “a música talvez seja a forma de expressão que mais une e identifica os jovens. Sua vida cotidiana é pontuada pelos sons, ritmos e letras que ouvem nas rádios e nos discos”.

É visível também, principalmente sobre aquilo que seria belo para o adolescente (uma das perguntas do questionário), a presença de frases e poesias que circulam há muito e são universais. Como exemplo temos a frase de Bob Marley, “Amo a liberdade, por isso deixo livre as coisas que amo, se elas voltarem é porque as conquistei, se elas forem é porque nunca as possuí”. Exatamente por manterem um caráter universal (e isso pode acontecer com a música também), as frases de Bob Marley, ou de pensadores anônimos, circulam pelo mundo com a vantagem de permanecerem durante um tempo maior do que as músicas que, navegando no mar midiático, tendem a uma duração de vida mais curta.

Também nos questionários alguns adolescentes escreveram que “acham legal desenhar, fazer isto ou aquilo”. Este *fazer* ao qual eles se referem, e que aparece na maioria das respostas, está sempre ligado ao aprendizado de uma técnica que, geralmente, é o desenho. Encaramos com certo desconforto aquelas aulas de Ensino de arte que têm em seu programa de curso somente o fazer, a prática de ateliê. Que tipo de educação estética está sendo construída neste fazer? Quais as novas ou antigas culturas que são conhecidas? Acreditamos que não seja só o fazer que dá ao aluno uma concepção daquilo que possa ser arte, cultura e estética do cotidiano, mas também como podem ser questionados certos tipos de arte e também a própria estética do cotidiano?

Os adolescentes que responderam às questões sobre as aulas de Ensino de

arte sinalizaram gostarem das mesmas, mas geralmente se referindo ao conhecimento que obtiveram na prática de ateliê. Questionados sobre as lembranças das aulas, 29,7% dos entrevistados afirmam ter “boas lembranças”. Já 31,8% dos jovens mencionaram somente a palavra “desenho” como resposta à pergunta, evidenciando certa redução de outros conteúdos que deveriam ser trabalhados.

Em uma resposta de outra adolescente, quando questionada sobre qual seria a disciplina que ela mais gostava, citou sete, entre as que ela mais gostava e as que mais “detestava, tinha pavor, odiava” (usando os termos utilizados pela adolescente). A disciplina que ela escolheu entre as quais mais gostava foi a Matemática. Observamos entre os comentários bons e ruins, que várias disciplinas foram citadas, tanto da área humana quanto da área das ciências exatas, exceto artes. Como nos lembra Shusterman, de uma maneira geral “gostamos daquilo que somos treinados e condicionados a gostar e daquilo que as ocasiões e as circunstâncias nos permitem achar bom” (1998:114). A afirmação do autor nos leva a pensar sobre a formação que as crianças e adolescentes têm recebido para construir suas noções sobre arte, gosto e estética. Por exemplo, começa-se a construir o raciocínio de que se alguém tem um bom conhecimento matemático/físico/químico certamente se sentirá “bem treinado” para enfrentar um concurso como o vestibular e, certamente também, esta pessoa dedicará a maior parte do seu tempo escolar/ou de estudo a determinadas disciplinas que ofereçam uma possibilidade maior de sucesso. O condicionamento pode acontecer positivamente/negativamente em relação a estas; ou melhor, levar o adolescente a gostar mais de determinadas disciplinas ou, ao contrário, a até mesmo odiá-las.

## Conclusões

Resultados da pesquisa sobre como a disciplina Ensino de Arte qualifica a formação cultural dos jovens entrevistados, apontam, através das respostas dos estudantes entrevistados, que tal disciplina traz “conhecimentos sobre cultura” (15,82%). Por outro lado, 14,38% dos jovens afirmam que as aulas de Arte “em nada influenciam” na sua formação cultural, 8,1% acham as aulas “divertidas”, entre outras respostas. Já os professores de Ensino de Arte no Ensino Médio enfatizam que eles não têm formação complementar para o uso de novas tecnologias. Apesar de as considerarem importantes, sentem-se despreparados em relação ao seu uso e apontam para a necessidade urgente de instrumentalização. Sobre os planos futuros ou sonhos de vida, 47,2% dos jovens entrevistados querem “fazer faculdade” e, ao mesmo tempo, querem “ser bem sucedidos”, segundo eles/as. Nessa direção, a pesquisa levantou dados e evidenciou necessidades sobre os modos que a universidade e a escola, pesquisa e ensino, podem se aliar para tornarem o ambiente escolar *stricto sensu* um espaço em que o Ensino de

Arte e as diferentes manifestações culturais possam ser trabalhadas nos seus aspectos mais amplos.

Finalizando, acreditamos que a visão que temos sobre o panorama endereçado ao adolescente no campo da arte/estética em geral, e o que esta geração está construindo com todas estas informações, vêm transformando e reelaborando conceitos fundamentais que permeiam o cotidiano de nossas salas de aula e, certamente, influenciam a reelaboração de planejamentos, interesses que constroem esse campo de ensino. Para tanto, acreditamos em estudos como esse, algo permanente que promova conhecer cada vez mais o tempo presente. Esse caminho pode auxiliar no endereçamento de nossas aulas e de nossos currículos, e também para que tenhamos uma sintonia com os nossos estudantes. E é exatamente a busca de uma sintonia maior entre professores e estudantes o que motivou a realização desta pesquisa.

### Referências

- Baudrillard, Jean (1999). *Tela Total: mitologias da era do virtual e da imagem*. Porto Alegre: Sulina. ISBN: 85-205-0139-7
- Calligaris, Contardo (2000). *A Adolescência*. São Paulo: Publifolha. ISBN: 85-7402-215-2
- Canclini, Néstor García (2000). *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: EDUSP. ISBN: 85-314-0382-0
- Fischer, Rosa Maria Bueno (1996). *Adolescência em Discurso: mídia e produção de subjetividade*. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS / FAGED.
- Fischer, Rosa Maria Bueno. (2001) *Televisão & Educação: fruir e pensar a TV*. Belo Horizonte: Autêntica. ISBN: 85-7526-027-8
- Jimenez, Marc. (1999). *O Que é Estética?* São Leopoldo/RS: Ed. UNISINOS. ISBN: 85-7431-029-8
- Loponte, Luciana (1998) *Imagens do Espaço da Arte na Escola: um olhar feminino* Campinas, 1998. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, São Paulo.
- Shusterman, Richard (1998) *Vivendo a arte: o pensamento pragmatista e a estética popular*. São Paulo: Editora 34. ISBN: 85-7326-099-8